

B.A.  
2594<sup>10</sup>

A SIGHTSEEING EXCURSION

THE COUNTRY OF  
THE THREE CASTLES

---

PORTUGAL

---

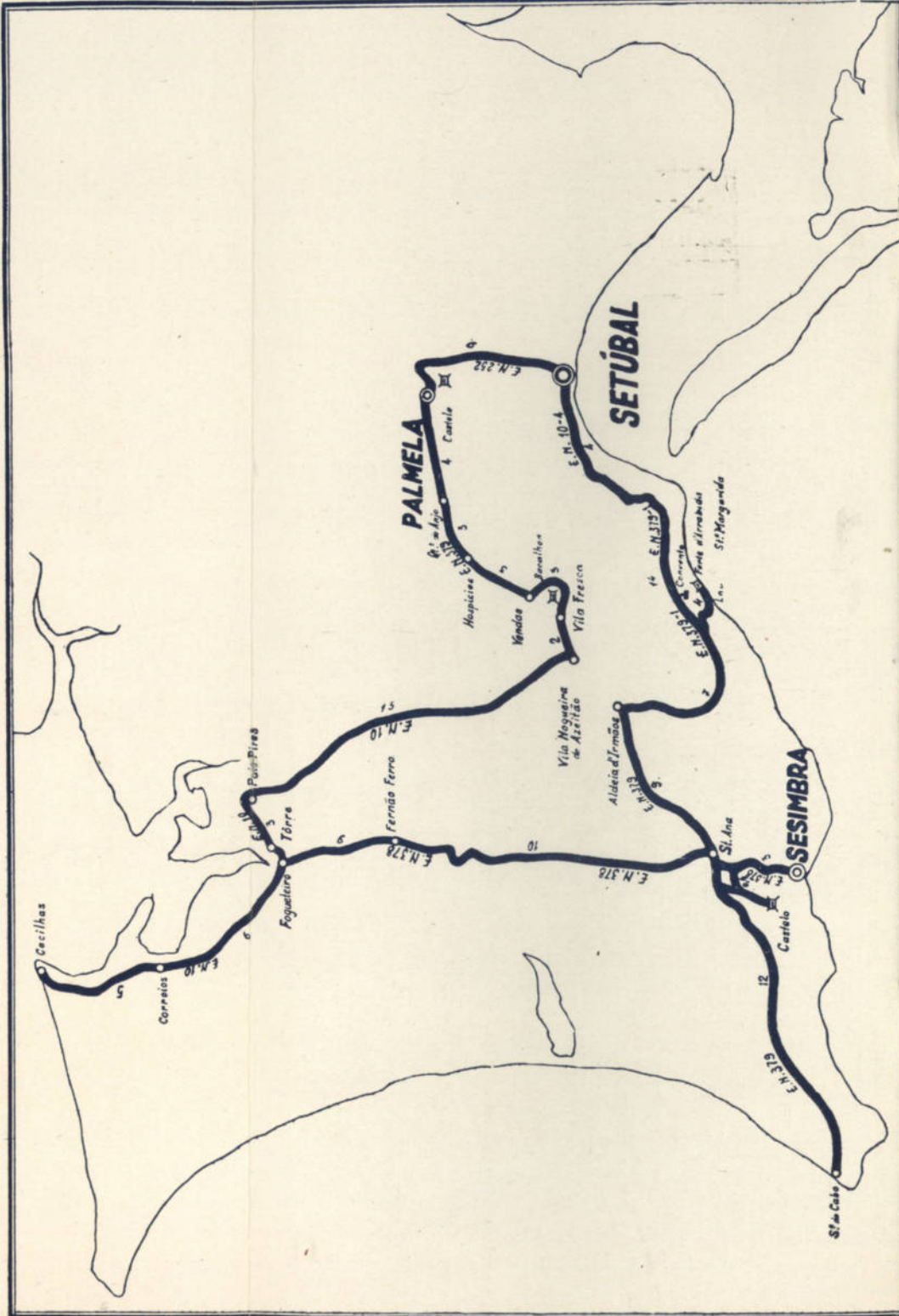


Organized by **A TRANSPORTADORA SETUBALENSE**  
de **João Cândido Belo & C.<sup>a</sup>, Lda.**  
VILA FRESCA DE AZEITÃO—SETÚBAL

# The Route for the Country of the Three Castles

Gráfico do Circuito Turístico da Região dos Três Castelos

ORGANISATION OF { TRANSPORTADORA SETUBALENSE DE JOÃO CÂNDIDO BELO & C.<sup>ª</sup>, LDA. - AZEITÃO  
OR GANISAÇÃO DA



BA 2597<sup>10</sup>

B. N. L.  
DEPOSITO LEGAL  
217733 \*15. II. 56

# CIRCUITO TURÍSTICO

A

## REGIÃO DOS TRÊS CASTELOS







CACILHAS — Vista Geral do Cais  
CACILHAS — General view of the quay

Não é aqui nem ali, nomeadamente, é onde quer que começa a ser visto, que Portugal começa a ser maravilhoso; atravessem o Tejo, metam-se numa confortável camioneta e venham connosco verificar esta verdade; os que vierem connosco verão que Portugal começa na Península de Setúbal a ser a maravilha de que falam os livros.

LISBOA acena, do lado de lá do rio, o seu adeus alegre aos que partem. Já o barco nos deixou na OUTRA BANDA, já a camioneta arranca, já, depois de atravessadas as vilas de CACILHAS e COVA DA PIEDADE, centros comerciais e industriais, se oferece a nossos olhos a mancha verde dos campos. Ulmos e acácias que vieram até à beirinha da estrada ver-nos passar; pinheirais extensos e orgulhosos da sua raça — são os filhos, são os netos dos que foram à Índia; a vinha a sonhar: «Quando serei vinho?» — o trigo a sonhar: «Quando serei pão?»; e as árvores de fruto, algumas carregadinhas como ouriços, a prometerem doçura e frescura... A camioneta vai contente, porque é ela que mostra tudo isto, porque vão contentes os que espreitam pelas suas janelas. E já volta à direita, na encruzilhada do FOGUETEIRO, onde uma novíssima fábrica de têxteis artificiais abre os seus portões; por aquele ramo de estrada se encaminha, também entre pinhais, até à ALDEIA DE SANTANA, burgozinho de camponeses, lugar bom para quem gosta de guloseimas: n'A Camponesa, uma casinha discreta, há bolos deliciosos, dignos de um convento. E agora o macadame nos lembrará as antigas estradas: de Santana ao CABO ESPICHEL leva-nos um macadame simpático e bem cuidado, orlado de malmequeres brancos. Companheiros da estrada, uma ou outra carroça, um ou outro burriquito — toc toc toc — a caminho da vila. E assim chegamos à Igreja de Santa Maria da Pedra de Mua, do tempo de D. Pedro II, mais conhecida por senhora do Cabo; é ali que mora a padroeira dos pescadores de Sesimbra.



Cabo Espichel  
Cape Espichel

No matter at what point in Portugal we may start a tour, we will always find much of interest: but it is safe to say that the day-tour which takes us across the Tagus, and through the Country of the Three Castles, is second to none in its historical interest, and the beauty of the countryside through which it passes.

From the ferry-boat as it crosses the Tagus from Terreiro do Paço, LISBON indeed seems an enchanted city: but it is a short journey, and before very long the 'bus which starts from CACILHAS, has passed the industrial and commercial belt and enters the green of the countryside. Elm-trees and acacias border the road which runs through forests of pine-trees, through vineyards already becoming heavy with the grapes, through cornfields and groves of fruit-trees. Everywhere the industry and practical economy of the Portuguese farmer are apparent.

Some seven miles along the road, at FOGUETEIRO, there is a new factory for the manufacture of artificial textiles: here the road forks and the 'bus takes the right fork along the road marked SESIMBRA. Ten miles further along this road is the small country town ALDEIA DE SANTANA, a place well-known for its delicious cakes sold in a road-house known as «A Camponesa». At this town we turn to the right along a road which runs along the high ground to CAPE ESPICHEL, it has little traffic, a mule cart, perhaps a few donkeys laden with goods from the town, and, as it approaches the Cape, it runs through increasingly bare countryside. The road runs finally into a vast courtyard, two sides of which are formed by cottages, and the third West side by the Sanctuary of Santa Maria de Mua, built by Don Pedro II, and better known as Nossa Senhora do Cabo — Our Lady of the Cape. Under this title





Vista geral de Sesimbra  
General View of Sesimbra

«Senhora do Cabo», com a ortografia errada se Deus quiser, tem sido o nome de muitos barcos de aquela vila. Desçamos até à beira-oceano, junto da ermida levantada sobre a Pedra de Mua (século XV), onde quer a tradição que a imagem de Nossa Senhora, hoje na igreja, tenha aparecido; de aí enchamos os olhos de Mar e Abismo. Uma baía minúscula de águas cor de azebre acaba em mansidão uma cavalgada de rochedos cortados em perpendicular; depois, mar que não acaba, pespontado de velas e gaiivotas; para a esquerda, o Farol, de 1790, dá sinais de terra aos que não tiveram medo das ondas. Vem do Oceano, quase sempre, um ventinho agreste mas belo: fala de Portugal e do seu destino.

Mas apressemo-nos, porque o passeio é longo; desçamos ao CASTELO DE SESIMBRA, que os mouros ergueram. Hoje é uma relíquia de tempos heróicos; evoca D. Afonso Henriques que em 1165 o tomou; no tempo do Conquistador, era dentro dos seus muros que a povoação, elevada a vila em 1323, ia crescendo casa a casa. Dentro do Castelo, a Igreja de Santa Maria ou de Nossa Senhora do Castelo, da segunda metade do século XII; a imagem da Senhora, em pedra, é do século XIII. Olhemos, das ameias, a vila de SESIMBRA e o mar salgado, pão de cada dia de aquela terra. A praia, que visitaremos deixado o Castelo, chega para pescadores e para banhistas: de um lado se enfeita de aiolas e traineiras, do outro de barracas de lona. Aos pescadores protege-os, como se não bastassem a Senhora do Cabo e a Senhora do Castelo, o Senhor das Chagas, a Quem o povo todos os anos agradece, numa romaria típica.

O Senhor das Chagas arrasta a Sua Cruz na Igreja da Misericórdia, que merece a pena ver por Ele e por um painel em tábua, talvez de Garcia Fernandes. Com mais uns minutos para a visita à Igreja Matriz (do século XVI) e à sua bela escultura bar-

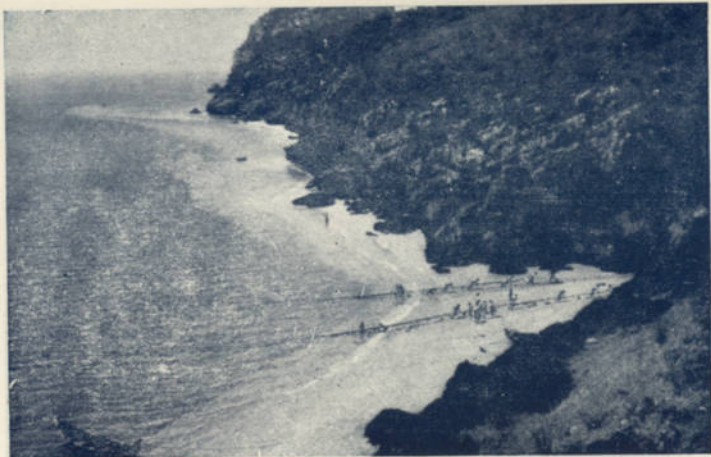


Castelo de Sesimbra  
Castle of Sesimbra

Our Lady is the Patron of many SESIMBRA Fishermen who name their fishing boats after her. After seeing the Church we should pass on to the cliff-edge where is the little chapel — a hermitage chapel if the XV cent. where it is said that Our Lady actually appeared. From this point there is a glorious view of a tiny bay circled by giant cliffs: further out to sea nothing but the never-ending ocean, wave after wave, with but the occasional sail of a fishing boat, and the wings of the seagulls to break the view.

Leaving the lighthouse on our right, we turn back along the same road, and soon the walls of the CASTLE OF SESIMBRA come into sight. Built originally by the Moors, it recalls the heroism of Afonso Henriques, who took it in 1165. In his time the town of SESIMBRA was wholly enclosed by the walls of the Castle, and there still remains the XII cent. Church of Our Lady of the Castle, with a X cent. image Our Lady in stone. But now there is no danger from either Moors or pirates, and from the ramparts of the Castle we can see the modern town of SESIMBRA nestling between the sea and the high cliffs, a town given up entirely to fishing and its allied trades, drawing from the sea around it its daily bread. In the Misericordia Church there is a figure of Christ carrying the Cross, which is a centre of great devotion for the towns people: there are also some good oil-paintings. A visit to the Mother-Church is also well worth while to see a fine baroque statue of Our Lady, but the lasting impression of SESIMBRA is that of a town built out of the riches of the sea, and living on its traditions, its dangers and its greatness.





ARRÁBIDA — Praia dos Pescadores  
ARRÁBIDA — The beach of Alportuche

roca da Virgem, teremos feito uma ideia de Sesimbra, «a piscosa», anfiteatro de onde se sofre ou se goza o espectáculo sempre grande do Mar.

Dez quilómetros de boa estrada e tomamos novamente a direita de uma encruzilhada (à PONTE DE CAMBAS); vamos entrar na SERRA DA ARRÁBIDA. Nos primeiros lanços fica-nos ela em frente, azul e majestosa; pouco a pouco, começam o alecrim, o rosmaninho, a esteva, a anunciá-la na sua voz de perfume. E ao longo da cobra de alcatrão não se cansa o mato de encantar os que passam: agora é o medronheiro, mais adiante a arçoeira e o zimbro. Casalinhos de pequenos lavradores, os CAIS DA SERRA, entremeiam de branco o verde do mato e o vermelho do barro. De repente, menina curiosa a espreitar da sua varanda, a CAPELA DE NOSSA SENHORA DE EL CARMEN; diz-nos adeus de longe e fica. E já nos esquecemos dela, porque a SERRA DO RISCO, à direita, sobe para o Céu na sua escalada titânica. É ali o ponto mais alto da costa de Portugal, por isso lhe chamam «cabo de ares» os pescadores que de baixo, dos seus barcos minúsculos ante aquela grandeza, a medem com o terror ou a admiração da sua pequenez de homens.

A serra tem o ar de uma onda que avança impetuosa e súbitamente estaca e se esculpe no ar; é uma onda de pedra e mato, é o fóssil de uma onda. Ri-se do mar de agora, gaivota mansinha, profundamente azul, que faz avultar, com a planície que lhe fica à esquerda, o seu dorso gigantesco.

E seguimos; e à maravilha segue a maravilha: agora começa-se a descer a Estrada do Professor Gentil, três quilómetros que nos levam ao Portinho Aconselha o bom gosto a fazer uma paragem de minutos. Estamos no ALTO DA MATA, assim chamado porque ali termina a MATA DO SOLITÁRIO, floresta cerrada onde se misturam, de há séculos, o carvalho com o medronheiro, o folhado com o zimbro. Toda a mata de que, donde estamos, vemos





Portinho da Arrábida — Pedra da Anicha e Praia do Creiro

From SESIMBRA the twisting road leads back to the high ground, and after running through ten kilometres of pleasant countryside, we fork right at PONTE DE CAMBAS, and so approach the SERRA DA ARRÁBIDA. With a turn of the road it towers in front of us, an imposing range of hills, blue grey in appearance, yet changing colour with the phases of the sun. Rosemary, French Lavender and Ploughtail scent the air, by the roadside grow strawberries, mastic-trees and junipers. The little houses of the farmers appear a startling white amidst the green of the trees and redness of the earth. Then on the left we pass the CHAPEL OF OUR LADY OF EL CARMEN, and on the right, looming up in its great height, sheer from the sea, the hill-top called the SERRA DO RISCO — the highest point on the Portuguese Coast. As we look away to the East the Serra gives the appearance of being a giant wave, which has suddenly, at its crest, been turned into stone and wood; or again like a huge seagull spreading its wings over the sea and over the great plain stretching out far to the Tagus twenty miles away.

A road turns off to the right, leading down in curve after curve to PORTINHO DA ARRÁBIDA. The scenery here is truly magnificent, with views of the sea through the woods which carpet the slopes of the hills. PORTINHO is a little bay which lies, beautifully sheltered, against the side of the mountains; here is an old fortress, built by Don Pedro II now the Inn of Santa Maria. Lunch is served on a verandah looking far out across the sea to SINES. The sea here is a glorious blue, dotted with the boats of the fishermen, an enchanting place for a meal.



Serra da Arrábida —  
The Serra da Arrábida —

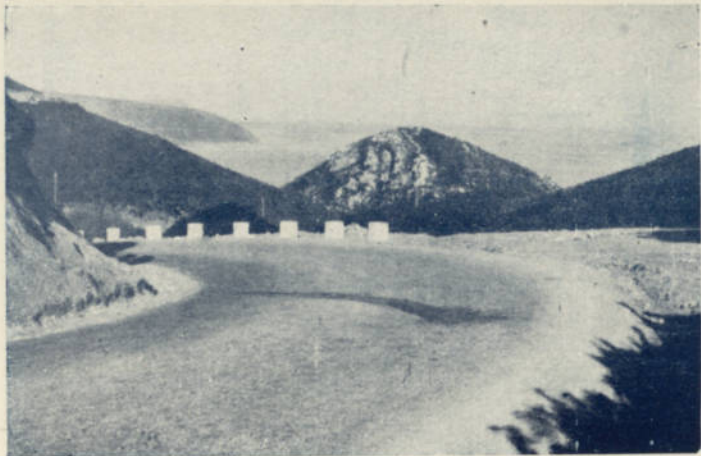
apenas a cúpula verde, é uma catedral de sombra. Lá terá vivido o asceta que lhe deu o nome e ao poçozinho que a refresca; e o Casal da Boavida, hoje meia dúzia de pedras perdidas numa clareira, lá está para indicar onde dormia o solitário.

Que pena não poder durar mais tempo esta nossa paragem! É que aqui é o ponto mais belo que até agora encontrámos: em nossa frente ergue-se, piramidal, o MONTE DO GUINCHO, onde a mata do Solitário nasceu e vingou; de cada lado o Mar, que vemos moldado por dois vales; tudo simétrico, tudo regular, espantosamente regular nesta Serra caprichosa e romântica. Os pássaros cantam a liberdade dos bosques. E nós baixamos até ao PORTINHO, onde havemos de almoçar. Uma baía que abraça amorosissimamente um mar estático... Uma fortaleza mandada construir por D. Pedro II para defesa da costa (piratas que gostariam de passar aqui o seu fim de semana) e que é hoje a Estalagem de Santa Maria... Mato a nascer ao rés das ondas — dir-se-ia que tem a raiz na água salgada... Uma luz que fere a vista mas de que a vista se enamora, a vestir as coisas todas de um brilho que não é deste mundo... Gaivotas que não são sinal de temporal — são antes as pombas de uma paz única e primitiva... Todo o Portinho (que poeta lhe pôs este nome?) a ser um cais sobre a Poesia, uma janela que dá para a Beleza... Sabe-nos bem estarmos vivos.

Mas não deixemos de ver a LAPA DE SANTA MARGARIDA — uma gruta enorme que o mar enche com a sua voz sagrada: Humildemente escondida na sombra, uma capelinha tosca onde por vezes se reza missa (e o Mar acolita e a missa ganha um sentido mais grandioso, mais preciso que noutra qualquer; a gruta transcende-se e tem ogivas e tem vitrais e tem rosáceas a cada canto; Deus veio).

Depois ALPORTUCHE, uma pequenina praia a que nos conduz uma alameda de eucaliptos. E se tomarmos um bote poderemos ainda visitar a PRAIA





Monte do Guincho  
The Guincho Mountain

While at PORTINHO it would be a pity to miss seeing the LAPA DE SANTA MARGARIDA — a cave the mouth of which is lapped by the rise and fall of the tides. It is some 250 yards along the coast, and fishermen are very willing to take the visitor by boat. Hidden away at the back of the cave is a Chapel dedicated to St. Margaret the Martyr where Mass is said at times. A little further along is the beach of ALPORTUCHE, which can also be approached from the road by a track leading down through giant eucalyptus trees. On the other side of PORTINHO are the two beaches, PRAIA DOS COELHOS and GALAPOS; and jutting out from the headland, a curious rock, the PEDRA DA ANI-CHA, curious, because no matter from what different angle, or at what different time of the day, the rock seems always to have a new aspect of itself to show to us.



Portinho da Arrábida — Estalagem de Santa Maria, vista do mar  
Portinho da Arrábida — Santa Maria Inn, [from the sea

DOS COELHOS e a de GALAPOS. De passagem, vemos de perto a PEDRA DA ANICHA, ilhota curiosa que em tempos deve ter ligado com a terra; camaleão da paisagem, se não muda de cor muda de forma e durante o nosso passeio já tivemos ocasião de lhe ver aspectos vários; outros vos esperam ainda — para cada lugar de que a vemos guarda a Pedra da Anicha uma cara diferente.

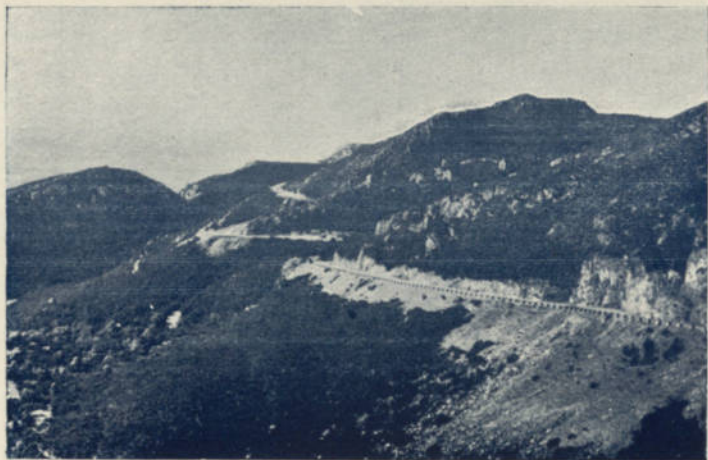
Chegou a hora da partida. De novo cortamos a Mata do Solitário — a estrada verte sangue. No Alto da Mata tomamos o ramal da direita e vai começar o novo filme; agora as cores são mais vivas, a luz mais alacre. Tornamos a ver a Mata, Alportuche, o Portinho, o Mar... Passamos a dois passos da MATA COBERTA, que foi, antes de o ciclone a ter amputado, a mais numerosa da serra; o Sol ficava--lhe à porta, contentava-se com doirar o cume do MONTE ABRAÃO, que a protege dos ventos do mar. Um minuto mais e aparece o CONVENTO. Ali se concentra a religiosidade esparsa pela Serra; parece que é ali a fonte mística, quando o contrário é o que afinal acontece; ali desemboca, vindo de todos os ventos, o espírito que dá à Serra da Arrábida elevação e sentido. Ali é que se apercebe com nitidez a Arrábida mais verdadeira, que não é a Arrábida dos banhos, nem a Arrábida das romarias encantadoramente pagãs, nem sequer a Arrábida do turismo; é o que aquelas paredes contam. Eis Frei Martinho, que em 1542 fundou o Convento, posto à entrada a impor silêncio, recolhimento e fé; e a capelinha-mór, onde um Cristo em madeira, uma Nossa Senhora da Romã e dois óleos de autores desconhecidos nos não chamaram em vão (e que bonitos e sinceros os barcos de pesca que os pescadores, devotos de Nossa Senhora da Arrábida, lá foram pôr!); e o jardimzinho de S. Pedro de Alcântara, onde o buxo reza há trezentos anos uma oração que já deve ter chegado lá acima; e a Fonte da Samaritana, a escorrer frescura pela bica (santa, três vezes





Convento da Arrábida  
The Convent of Arrábida

But time is pressing, and we ascend the road once more to take the turning to the right which leads to the top of the Serra. In a minute or two we see, a little below the road, the CONVENTO NOVO, sheltered by the Serra to the North, and on the other two sides by spurs of hills. The Convent was founded by Bro. Martinho in 1542, his statue is seen at the entrance ordering silence, recollection and faith. Here it is in the Convent that we find the true spirit of the ARRÁBIDA hills — the peace which springs from retirement from the world, and which uses all the beauties of nature as fingers pointing to the beauty of their Creator. In the main Chapel is a statue of Christ in wood, one of Our Lady of Romã, two oil paintings by unknown artists, and some model fishing boats put there by the fishermen as thank-offerings to Our Lady. Here too is the little garden of St. Peter of Alcântara, the Fountain of the Good Samaritan, and the playful little chapel ornamented entirely by shells and pieces of pottery made by the Friars. But even this solitude was not sufficient for Bro. Augustine of the Cross, who retired alone into the woods to build another cell higher up — known as the CONVENTO VELHO.



Vista Parcial da Arrábida vendo-se a estrada para Setúbal  
Part view of Arrábida and the road to Setúbal

santa, das sedes que matou...); e a capelinha-brinquedo da Senhora da Piedade, que a paciência dos frades ornamentou de conchas e de cacos; e a maior graça do Convento que é desordem harmoniosa das suas celas, a simplicidade das suas ruazinhas estreitas. Por tudo isto perpassa a memória dos fradinhos que descobriram a Arrábida lugar de oração, antecâmara do Céu. Frei Agostinho da Cruz, que morava numa celazinha perdida no mato, junto do CONVENTO VELHO (duas ermidas, a da Memória e a de Santa Catarina, e mais uma série de sete que representam os Sete Passos, sendo o da Crucifixo — Senhor dos Aflitos — única que escapou ao tempo, uma escultura de primeira ordem) encontrou a expressão poética desta descoberta. «Nesta Serra do Céu, vossa vizinha» — dizia ele a Nossa Senhora.

Mas Frei Agostinho não é só no Convento que nos vem à lembrança. Estamos agora na estrada que corta a Serra longitudinalmente, pelos píncaros, e de novo ele fala:

«Alta Serra deserta, de onde vejo  
As águas do Oceano de uma banda,  
Da outra, já salgadas, as do Tejo»

Até onde o Poeta foi a pé, quando rasgava o hábito na aspereza dos carrasqueiros, na ânsia de subir tão alto que visse o Céu de mais perto, pode hoje toda a gente ir de automóvel ou de camioneta. Os homens magoaram as pedras amadas de Agostinho e passaram. O mato por aqui é rasteiro — acabou a Arrábida luxuriante para começar a Arrábida desolada e severa. Mas que encantamento de paisagem! — Para trás as matas, iluminadas de um Sol que as enriquece a esta hora da tarde; em baixo a fortaleza, meigamente poisada na orla verde do mar; cabrinhas agitam os seus guisos e olham espantadas (ou indignadas?) os que perturbam a grande paz da Montanha. É um presépio autêntico, em que o Menino Jesus gostaria de ter nascido. Mirantes nos





Setúbal — Margens do Sado  
Setúbal — Coast-line of the Sado

The road along the ridge climbs ever higher, the views become awe-inspiring: on one side, sheer below is PORTINHO and the Estuary of the River Sado, on the other side far away the waters of the Tagus backed by the SINTRA HILLS. A road has been cut through the rocks of the range, the woods become sparser and sparser, the hilltops more severe and menacing, the sea more and more like a fairy thing far below. Then, with a sweep of the road, far below and way to the East, SETUBAL third city of Portugal, comes into sight.



SETÚBAL — Mira Sado

convidam a parar — varandins de onde Frei Agostinho veria, de uma banda, as águas do Oceano (e também as do Sado), da outra as do Tejo. E veria Setúbal, garridamente disposta à beira-cais; e veria Lisboa, veria, no flanco norte da Serra (OS PICHELEIROS), as vinhas onde dorme o famoso Moscatel de Setúbal.

Depois a paisagem muda. Avistamos o Sanatório do OUTAÕ, estabelecido numa antiga fortaleza, e a fábrica de cimento Secil, e caminhamos para Setúbal por uma estrada rente ao rio; a palmeira, o eucalipto e o pinheiro são as árvores que dão cor e sombra ao longo destes sete quilómetros. Ranchos de rapazes e raparigas, de famílias inteiras que saíram a gozar o seu domingo, saúdam os turistas.

A COMENDA e o seu palacete, a PRAIA DE ALBARQUEL com a sua fortaleza são ultrapassados. E Setúbal surge finalmente, com fábricas de conservas logo à entrada.

O segundo castelo do triângulo está à vista: é o CASTELO DE S. FILIPE, único castelo barroco de Portugal, mandado construir em 1590 por Filipe II. O panorama que dali se abrange é magnífico. Apetece ficar lá, mas não pode ser: precisamos de uns minutos para admirar a jóia manuelina da Igreja de Jesus, que Boitaca, o mestre dos Jerónimos, concebeu e construiu em 1594. O manuelino deixou em Setúbal ainda outro documento: é o portal norte da Igreja de S. Julião, dos melhores do país. Desse portal olhemos para a estátua do Poeta Bocage, em mármore branco. Ainda na praça em que estamos e a que dá nome o grande Poeta setubalense, merecem ser vistos o esplêndido edifício da Câmara Municipal e os pequenos museus, nele instalados. D. Olga Morais Sarmiento e Dos Primitivos da Igreja de Jesus.

Para que façamos uma ideia do movimento piscatório da cidade, demos então, seguindo pela Avenida Todi, um salto à doca das Fontainhas. Em cima, em anfiteatro, fica-nos o velho e curioso bairro





SETÚBAL — Castelo de S. Filipe  
SETÚBAL — The Castle of St. Philip

Now the scenery changes. Passing the Sanatorium of OUTÃO, converted from an old fortress, then the Secil Cement Factory, scarring the cliff-side with its excavations, we are well on our way to SETUBAL along a road winding by the riverside, orange groves making a background to the palms, eucalyptus and pines of the roadside. First comes the Beach of COMENDA, then ALBARQUEL, and we are running past the long low sardine factories at the outskirts of SETUBAL.

High above this part of the road, built to project the Estuary by Phillip II in 1590, is the castle which bears his name — the only baroque castle in Portugal. The view from here is again very fine. In SETUBAL itself we ought to visit that Manueline Jewel, the Church of Jesus built in 1594 by Boytaca the architect of the Jerónimos. In the Praça de Bocage, named after the Poet, are the Town Hall with a Museum and a fine «Manueline» doorway to the Church of St. Julian. The town lives by its fishing trade, and there is always plenty of interest to see at the Dock of the Fontainhas. Above this, as it were in an amphitheatre, there is the curious old quarter from which the Dock has its name, and again, a fine view from the miradouro of St. Sebastian.



SETÚBAL — Avenida Todi

do mesmo nome; voltemos por aí, para não perdermos o panorama lindíssimo que se avista do miradouro de S. Sebastião.

Uma caixa de doce de laranja, para tornar a viagem mais agradável ainda, comprada em qualquer pastelaria, e teremos saído de Setúbal, Rainha do Sado, sabendo dela que é bonita e doce do princípio ao fim.

E depois de um ameno passeio entre laranjais e de uma subidazinha que há-de ter cansado muito homem de armas de outrora, aparece, a fechar o triângulo, o CASTELO DE PALMELA. Quem primeiro lhe mediu a força foi, em 1147, D. Afonso Henriques. «Da construção primitiva — escreve Pina de Moraes — pouco resta: serão romanas as torres circulares, árabes as quadradas, do Mestre de Aviz a Torre de Menagem, de D. Pedro II as fortificações mais modernas para uso do canhão». Mas o que não terá mudado muito é a paisagem deslumbrante e sem fim, prémio valiosíssimo para quem não hesitou em subir à Torre de Menagem. E mais uma vez (a outra foi na Arrábida) se mostra à evidência que onde a paisagem portuguesa for pitoresca ou for grandiosa os primeiros turistas a chegar são os frades: aqui gozaram, de 1194 a 1218, o mesmo espectáculo que nós estamos gozando, os freires de S. Tiago, que em 1482, lançada a primeira pedra do seu templo, hoje em ruínas, tornaram à casa, como bons filhos, e nela se estabeleceram definitivamente.

A vila fica em baixo, aninhada entre vinhas e confiante na protecção do seu castelo. Dos montes à volta chega-nos a música dos moinhos — quem sabe, D. Quixote!, se não serão barbudas sentinelas que D. Afonso ali deixou de guarda ao castelo...

Palmela é terra de bons frutos e bons vinhos. Baco não se importaria de vir connosco e muito menos se lhe segredássemos que a dois passos, deixadas para trás QUINTA DO ANJO e CABANAS, começa a região de AZEITÃO, onde o vinho, como





PALMELA — Vista Geral  
PALMELA — General view

Lying back inland a few kilometers from SETUBAL is the great CASTLE OF PALMELA — the third and most imposing of the tour. Afonso Henriques conquered it from the Moors in 1147. «Of its original construction» writes Pina de Morais, «little remains. The round towers would be Roman, the square ones Moorish, the Main Tower by the Master of Aviz, and the more modern fortifications by Don Pedro II». But that which changes little is the magnificent view of the countryside around from the main tower — another evidence that, where the Portuguese countryside is more than usually beautiful of picturesque, the monks of old were the first to appreciate it. Here from 1194 till 1218 was a foundation of the Knights of St. James, who, in 1482, laid the foundation stone of the great church inside the walls of the Castle — a church now in ruins. The small town built around the walls is surrounded by vineyards, and appears to feel the solidity of the protection given it by the castle. It is a land of good fruit and good wine, on every side can be heard the sighing of the windmills — does it bring to mind the fantasies of Don Quixote?



PALMELA — Os Tradicionais Moinhos de Vento  
PALMELA — Wind-Mills

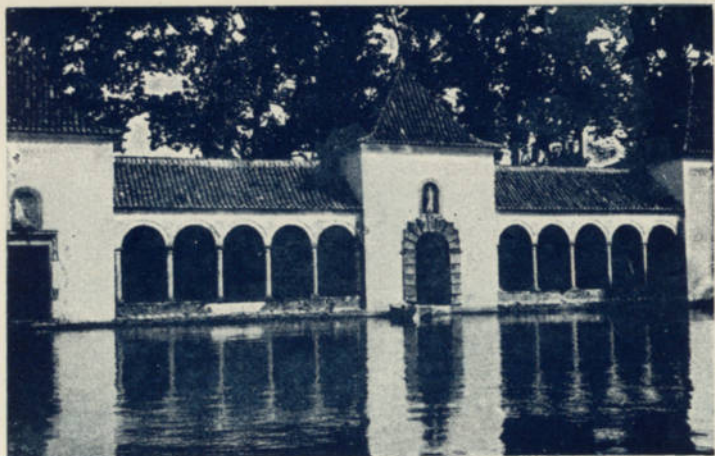
diz o Povo que só diz verdades, não é vinho é vinhão. É em Azeitão a nascente, que dá de beber a todos os mercados do mundo, do excelente Moscatel de Setúbal. E como um bom vinho pede um bom petisco, inventou a gente da terra um queijo de ovelha divino e uns bolinhos de manteiga que obrigam o turista a parar, a provar, a gostar.

Mas Azeitão, que ficou no sopé da Serra da Arrábida como quem não teve coragem de a subir, não se recomenda apenas ao nosso paladar. Azeitão é terra de palácios, é «a fidalga Azeitão», como Oliveira Martins lhe chamava. Atravessada a ALDEIA DAS VENDAS, estamos dentro em pouco no Palácio da Bacalhoa, monumento nacional, «um misto de arte florentina e de reminiscência mouriscas nas cúpulas de gomos e que, como museu de azulejos, só tem um rival em Sintra (Joaquim Rasteiro).

Construída no último quartel do século XV, sofreu no século seguinte, sendo seu proprietário Afonso de Albuquerque filho, grandes modificações. Já pertenceu a El-Rei D. Carlos e é hoje de uma senhora americana, Mrs. Scoville. Um dos seus quadros de azulejos representa Suzana no banho e está datado de 1565.

Afonso de Albuquerque e outros fidalgos da região mandaram, em 1570, edificar a Igreja de S. Simão, em VILA FRESCA, que é o ponto seguinte da nossa escala. E já perdemos de vista esta vilazinha e entramos na alameda que dá acesso ao Palácio da Quinta das Torres, um retiro romântico onde apetece esquecer o tempo, deixar-se embalar na poesia puríssima que se desprende de aquele palácio enfeitado a heras, do lago lamartineano, dos cedros que lembram Narciso. O palácio é notável pela sua traça arquitectónica (do século XVI) e pelos painéis de azulejos, do mesmo século, que figuram, um, o incêndio de Troia, outro, a morte de Dido, e outro ainda, num rodapé, pormenores de caçadas, ora realistas, ora de inspiração mitológica.

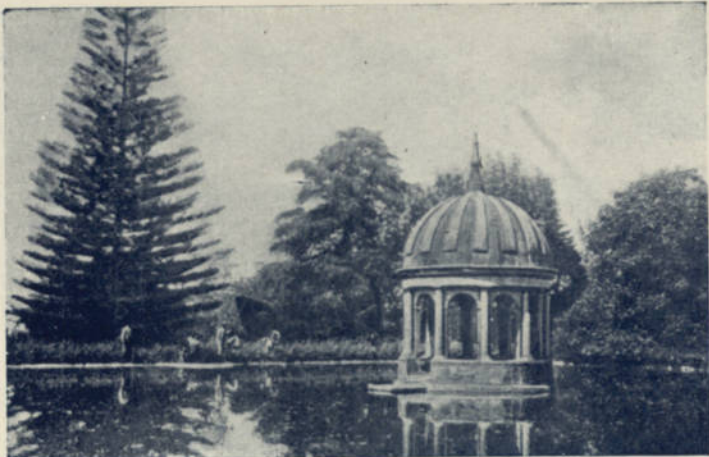




AZEITÃO — lago da Quinta da Bacalhoa  
AZEITÃO — The lake at Quinta da Bacalhoa

Along the road skirting the foothills of the ARRÁBIDA, but to the North, we pass the QUINTA DO ANJO, and that of CABANAS, and enter the district of AZEITÃO, where the wine, as the saying is, «*não é vinho é vinhão*». It is the home of the SETUBAL Moscatel wine, and as a good drink demands a good food, the AZEITÃO cooks are famous for a kind of cream cheese and little butter cakes which tempt the traveller to stop and enjoy them. But AZEITÃO will please the architect as well as the palate. Nearby is the QUINTA DA BACALHOA, a national monument. It is a great country house, a mixture of Florentine art with a flavour of Moorish memories, and which as a museum of the art of the azulejo has but one rival — SINTRA. Constructed in the XV cent. it was greatly altered in the XVI by the son of Afonso de Albuquerque; it is owned now by an American lady, Mrs. Scoville. One of the azulejos is of Susanna in the bath, and is dated 1565.

The Church at VILA FRESCA was built in 1570 by Afonso de Albuquerque and other knights of the countryside. Further along the road is the delightful QUINTA DAS TORRES, notable for its tracery and its azulejos both of the XVI cent. Here it is that, if we are English, we will enjoy that oasis in a hot afternoon, the cup of tea. The little town of VILA NOGUEIRA is nearby, it is a district of lovely little palaces, that of the Dukes of Aveiro, the Palace of Salinas, and the Church of St. Laurence dating from 1344.



AZEITÃO — lago da Quinta das Torres  
AZEITÃO — lake of Quinta das Torres

Abriu-se a porta do palácio e nós entrámos. Doçura de estar em casa («home, sweet home...»), prazer de tomar uma chávena de chá junto dos nossos... Alegria de uma coisa imaginada que acontece precisamente como a imaginámos... Nem sequer foi uma surpresa tudo isto, que fomos encontrar depois de a porta aberta: o ambiente cá de fora anunciara aquela Casa de Chá, o nosso espírito exigia-a e achava tão natural que ela aparecesse como a inteligência e o bom gosto das pessoas que a criaram acharam natural que nós a esperássemos. Era preciso que o fio da Poesia se não quebrasse — que o encantamento não ficasse à entrada da porta.

«Quem inventou a partida decerto que nunca amou...» Partimos da Quinta das Torres a cantar este verso. VILA NOGUEIRA aparece, tem pena (e é sincera porque é hospitaleira) de que não haja tempo para dar uma volta pelas suas ruas, de ver de perto o Palácio dos Duques de Aveiro, que albergou tantos reis, o do Salinas, que pertenceu a D. Constança, mulher de D. Pedro I, e a Igreja de S. Lourenço, de 1344.

É que a tarde começa a descer. Dois quilómetros mais, acabada nos BREJOS a região de que vimos uma pequenina parte, e o Sol morre por detrás dos pinhais. Depois do orgulho da sua agonia teatral, as sombras não se demoram e tomam conta de tudo: a cor definha, a forma esbate-se. COINA, e o seu riozinho que ao lusco-fusco é um segredo, PAIO PIRES, TORRE DA MARINHA, CORROIOS, já respiram noite... CACILHAS dá um ponto final na viagem e aponta para LISBOÁ, que parece ter sido invadida pelos pirilampos: tremeluz na noite azul, chama por nós como quem nos quer bem. Não tem ciúmes das terras bonitas que fomos ver, porque as «boas-noites» que lhe damos não são menos alegres nem menos do coração do que os «bons-dias» desta manhã. Para Lisboa há sempre um lugarzinho no coração e um galanteio à flor dos lábios...





Trecho da estrada de Azeitão  
Somewhere along the highway to Azeitão

And now, with the sun beginning to sink over the pine forests, we turn back along the main SETUBAL road towards LISBON. PAIO PIRES, TORRE DA MARINHA, CORROIOS, they are but names as the 'bus speeds through them, but they have their history too. And now CACILHAS — across the Tagus LISBON seems to have been invaded by a multitud of fireflies twinkling in the blackness of the night. This is LISBON as it should be seen, welcoming us back to the gaiety of it evening life after a full day in the unspoilt land of the THREE CASTLES.



*Time table and price of such trip*  
(*horário e preço desta viagem*)

<u>Localidades</u>	<u>Cheg.</u>	<u>Part.</u>
Cacilhas . . . . .	—	8,30
Santana . . . . .	9,30	9,35
Senhora do Cabo . . . . .	10,00	10,20
Castelo de Sesimbra . . . . .	10,45	11,05
Sesimbra . . . . .	11,15	11,55
Arrábida . . . . .	12,45 (a)	15,30
Setúbal . . . . .	16,30	17,30
Palmela . . . . .	17,48	18,20
Azeitão . . . . .	18,55	19,25
Cacilhas . . . . .	20,25	—

*Efectuam-se às 4.<sup>as</sup>-feiras e Domingos de 1 de Junho a 31 de Agosto e nos mesmos dias, sempre que o tempo o permita, de 1 de Setembro a 31 de Maio*



Price for the Tour — Preço para o circuito. . . . . **60\$00**  
With Lunch at Arrábida — Com almoço em Arrábida **100\$00**

(a) Almoço na Estalagem de Santa Maria

BA  
259710







VILA FRESCA DE AZEITÃO — HEAD OFFICE OF THE MOTOR COACH COMPANY

TELEFONES { 028 029  
028 062

